Discurso (*)

ALBA VALDEZ

Exmo. Sr. Barão de Studart, dignissimo presidente do Instituto do Ceará.

Ilustres consocios.

Um dia—faz muitos anos—, quando me entregava á emoção ingenua de escrever um livro, onde procurava esquissar quadros e figuras da Escola Normal do meu tempo, da Escola Normal que cursei, concedí ao pai de uma das minhas heroínas, no intuito de evidenciar os seus meritos intelectuais, o titulo de socio desta agremiação.

Documento o asserto, indicando a pagina 48 do *Dias de Luz,* o livro em apreço.

O fato, com o seu tanto ou quanto de imponderavel, não é imperceptivel e dispensaria ser evocado em ocasião tão solene, se não abrisse caminho a considerações, a meu ver, oportunas.

Do Instituto não é licito dizer-se em tempo algum que tivesse passado «em branca nuvem» ou adormecido «em placido repouso», expressões que, em versos ditos e reditos, o poeta exarou como o sentido melancolico da ausencia de movimento e de ação.

Do Instituto o que se averba é que—estando nas vesperas de completar 50 anos,—triste conjuntura na vida de uma mulher! triunfante paragrafo na crónica de uma associação! — jamais sofreu desfalecimentos nos passos para atingir a sua alta finalidade. Não

---

(*)—Pronunciado em sessão do INSTITUTO, por ocasião de ser recebida sócia efetiva.

deixar que se percam as nossas tradições e se deprecie o oiro do nosso patrimonio historico!

Parece que se está a ver o combate que travou, desde os primordios, contra os vapores carregados da incredulidade e da indiferença que, nessa circunstancia, surgem como aspetos adversos e inevitaveis do nosso clima social.

A despeito disso, venceu. E venceu lindamente, tanto que a ressonancia do acontecimento penetrou o alvoroçado ambiente estudantino das meninas da Escola Normal daquele tempo.

Uma amizade—velha amizade de cabelos brancos—tem, pois, acompanhado em parte a existencia do Instituto, tão brilhante quanto fecunda em trabalhos de vasta cultura. E também de vero patriotismo.

E' fulgurante o sentimento de brasilidade dessas paginas em que se espelham os nossos habitos e costumes briosos, vibram as energías da nossa raça, o nosso coração, a nossa alma. Puro Brasil.

Não inspira, porventura, esse idealismo ativo e construtor uma sugestão na hora de decadencia em que vivemos?

Agora, associando idéas, estou me lembrando de certas palavras do importante discurso que o dr. Epitácio Pessoa pronunciou por ocasião da comemoração do 2.º aniversario da Liga de Defesa Nacional.

Não se verificaram mais, comenta o ilustre nortista, os entusiasmos de outrora pelos nossos grandes homens, pelos nossos grandes acontecimentos historicos, pelas nossas datas, pelos feitos de nossa gente.

Apesar de decorridos anos, essas palavras conservam o cunho de atualidade.

Festas civicas, pouquissimas, escoadas ordinariamente entre o severo protocolo oficial e carecidas, portanto, de vibração popular.

Haja vista, por exemplo, a festa da Proclamação da Republica, se cabe chamar-se festa á execução do decreto que feriou o dia, obrigado ao cumprimento de meras formalidades.

Póde ser um pensamento primario o que se se-

gue, mas é por essas e outras deficiencias no cumprimento dos deveres civico-politicos que a Republica Brasileira tem passado por maus bocados, retardando destarte a hora maior da sua existencia de nação-paradigma de outras nações.

—O voto excelso desta assembléa intelectual, com uma benevolencia que me atordoa, designou-me uma das suas ambicionadas cadeiras de sócio efetivo.

Ocupou-a Julia Carneiro Leão de Vasconcelos, que, por inapagavel atuação nos que-fazeres gloriosos da casa, foi elevada ao solio dos socios honorarios.

Com esta atitude, o Instituto criou para nós, mulheres que escrevemos, uma situação de positivo destaque.

Não sei explicar bem, mas parecia que a gente andava sózinha dentro de uma paisagem sem contornos, de uma planicie batida pela sêca da dúvida, do desconfôrto.

Converteram, porém, os lucidos espiritos que animam o Instituto o isolamento de ontem na solidariedade de hoje, o que considero, falando por mim, uma democracia em letras.

Na verdade, os meus titulos literarios estão muito aquém da importancia do pôsto que venho ocupar, quanto mais que a minha antecessora é figura grandemente visivel no cenario educacional patricio.

Para construir o seu elogio, bastava me servisse da qualidade de sua contemporanea, que acompanhou com os olhos do espirito o ciclo da sua vida professoral, e reler os trabalhos que, sobre Geografia, materia a seu cargo na Escola Normal, estampou em publicações daquí e do Rio-de-Janairo.

Restava, entretanto, alguma cousa mais: os livros vivos, que eram as suas colegas de magisterio e as suas antigas alunas.

Para remover dúvidas, todos somos como S. Tomé. Procuramos ver com os proprios olhos e ouvir com os proprios ouvidos. Procedí a um inquerito. Os inqueritos estão sempre na ordem do dia.

Acerquei-me de umas e de outras, colegas e ex-

-discipulas, como quem não queria e querendo, maldando pequenas rivalidades, irritações que se traduzissem em respostas não muito explicitas.

As colegas, porém, não sofismavam.

E tudo vinha acabar em que Julia de Vasconcelos honrara a classe.

Que diriam as ex-discipulas?

Os alunos quase sempre exercem vigilancia cerrada em torno dos seus professores, acontecendo que os menos cumpridores de deveres culpam aqueles pelos desastres que lhes ocorrem na faina escolar. E acabam degenerando em criticas acerbas.

São cousas assim:—o professor não sabe — o professor não explica bem as lições—o professor falta ás aulas—o professor é injusto.

As ex-alunas de Julia de Vasconcelos, as que interroguei, não fizeram isso, não. Deram-me otimas informações.

Ela sabia muito bem a materia. Explicava as lições, não deixando nada a desejar.

Assidua e pontual, quer chovesse, quer fizesse sol. E justiceira até ali. Eis o ritmo da sua vida profissional em mais de 30 anos de relevantes serviços.

A Escola Normal foi sempre o seu campo de ação, entrando para lá, mediante a nomeação de professora interina de Geografia. Isso aconteceu em 1900, quando contava apenas 19 anos de idade, pois é de 7 de setembro de 1880.

A interinidade alcançou 1902 exercida ininterruptamente pela jovem professora, que se indentificara desde o primeiro instante com a sua dificil tarefa. Tanto lecionava como estudava. De forma que o concurso para o provimento da cadeira, que havia atraído outra candidata, veio encontrá-la apta para o preparo da tese—Hidrografia da America Meridional.

Ordinariamente, os concursos não se isentam de certos vicios e males muito naturais em objetos dessa natureza, e aquele, por irregularidades, foi anulado.

Continou destarte Julia de Vasconcelos na re-

gencia da cadeira, sendo nomeada efetivamente para a mesma em 1903.

—*Finis!*—exclamaria ela, se houvesse andado atrás de um *gancho*, para usar de uma expressão da giria dos caçadores de empregos, se fôsse nada mais, nada menos do que uma sanguessuga do minguado e flutuante erario publico.

A sua missão apenas se iniciara. Desejava dar-lhe o melhor do seu esfôrço, da sua inteligencia, da sua cultura. Filha de um professor ilustre, o dr. Antonio Augusto de Vasconcelos, antigo lente da extinta Escola Militar deste Estado, do Liceu e da Faculdade de Direito, herdou-lhe as tendencias para os estudos sérios e profundos. Não se contentou com o que já sabia.

Assim, era paralisar-se. Bateu a mão aos livros.

Percorrendo os diversos campos dos conhecimentos humanos, deteve-se num daqueles que mais novidades estavam a oferecer, a disciplina que ensinava, a qual, conforme palavras suas na Memoria Historica, apresentada á Congregação da Escola Normal do Ceará, no dia 28 de fevereiro de 1920, ainda se guiava aquí e em grande parte do Brasil pela escola da nomenclatura.

Quem quer que assista algures a uma aula primaria ou mesmo secundaria—regista na citada Memoria Historica—verificará com tristeza que o aluno, que nunca ouviu falar na lei da formação do relêvo ou na influência do relêvo sôbre os destinos dos povos, responderá prontamente, cheio de ansiedade em satisfazer a interrogação do professor, que a ponta de Sterlegoff está situada nas solidões de Taimyr e o lago de Olon nos areais da Mongolia.

E continuando, modestamente relata o que havia realizado na sua cátedra.

«Não tem sido tão superficial o ensino de geografia ministrado ás alunas desta casa de educação. Sem descer, pela deficiencia do tempo, ás profundezas sedutoras da biografia, ao estudo detalhado da influência do *habitat,* que sugeriu a Warming a confeção de seu *Lehrbuchder öcologischen Pflantzenge-*

Eureka! Brasou o colosso formidavel que estende suas fronteiras do Atlantico ao Pacifico: estava descoberto o segredo de sua maravilhosa grandeza.»

Da lista dos seus trabalhos esparsos constam artigos sobre a teoria dos vulcões no Japão e na California.

Uma serie de estudos sobre a necessidade do levantamento da carta geografica do Ceará, que veio a tornar-se uma realidade sòmente agora, depois de tantos anos, graças ao talento e ilustração de T. Pompeu Sobrinho e ao seu vasto conhecimento do Ceará, um estudo sôbre o Chaco Boreal, a proposito da guerra da Bolivia com o Paraguai, e alguns outros.

Tem ainda inedita uma Historia do Brasil, de acôrdo com a orientação moderna, em conexão com a Geografia.

Eis uma enumeração que fixa o perfil de Julia Carneiro Leão de Vasconcelos empolgada pelo seu apostolado—o magisterio. Mas a obra mais dificil que realizou não foi a que lhe saíu da pena. Sim, essa que aí está viva e todos podem ver e julgar: a que resultou da sua atividade magisterial, introduzindo novos processos de ensino da disciplina de que era catedratica na Escola Normal Pedro II.

As discipulas, que foram por ela orientadas, a maior parte, hoje, mestras, saberão de certo conservar carinhosamente, para que nunca deixem de germinar, as boas sementes que ela espalhou no seio da terra que lhe serviu de berço.

* * *

Srs. Membros do Instituto:

Foi excessiva a benevolencia que me mandou participar do vosso convivio espiritual.

Agradeço-vos a gloria em que nunca pensei, com que nem sequer sonhei, de ter entrada nesta casa, que representa o mais alto potencial cientifico e literario do Ceará.